**Classes de Transformações harmônicas: uma proposta de categorização dos processos derivativos da harmonia**

Eixo temático específico: Interfaces entre teoria, análise e composição musical

No presente trabalho, abordamos o conceito de classe de transformação harmônica com o objetivo de mapear e categorizar os processos transformacionais que podem ser aplicados a um acorde ou a uma sequência de acordes, resultando em uma variação. As transformações harmônicas discutidas aqui dependem necessariamente de um elemento harmônico de entrada, já que se tratam de processos derivativos. O conceito de harmonia aqui não se restringe às notas executadas simultaneamente em acordes, mas sim a qualquer conjunto de notas que possa ser entendido como uma única entidade harmônica, ainda que executadas diacronicamente em uma melodia. Além disso, entendemos a harmonia fora do tempo, isto é, como um conceito abstrato. Portanto, variações que impactam a realização harmônica no tempo não entram no escopo de transformações. Existem diferentes processos derivativos da harmonia que podem ser aplicados em materiais de diferentes naturezas (triádico, pantriádico, tonal, modal, atonal etc.). Esses processos podem ser categorizados em quatro classes de transformações harmônicas que até o momento acreditamos serem exaustivas: *sintagmáticas*, *paradigmáticas*, *colorísticas* e *idiomáticas*. As duas primeiras classes derivam de conceitos oriundos da linguística propostos por Saussure. Para Saussure (1916/2006, p. 142-143), existem dois tipos de relações entre termos linguísticos: relações sintagmáticas, que dizem respeito à organização horizontal dos termos e a maneira como se combinam lado a lado para formar unidades significativas maiores como frases e sentenças, e relações associativas, nas quais um termo desperta conexões mentais que nos remetem a outros termos com algum grau de semelhança, seja na forma ou no significado. Segundo Daniel Chandler (2022, p. 98), o termo associativo foi substituído por paradigmático por Hjelmslev na teoria estruturalista. Assim, a descrição estruturalista de uma língua envolve “a identificação de conjuntos de unidades sistêmicas intercambiáveis (paradigmas) e a especificação de como essas unidades podem ser combinadas (em vários níveis) em estruturas textuais (sintagmas)”. Ao pensarmos nessas relações sob o ponto de vista transformacional, isto é, não como relações entre termos, mas como possíveis processos derivativos, o eixo sintagmático pode ser entendido como transformações que alteram a quantidade de termos linguísticos na frase ou sentença, seja incluindo ou excluindo elementos, enquanto o eixo paradigmático se refere a transformações de substituição de palavras, seja por palavras com significados semelhantes (sinônimos) ou por palavras diferentes, mas que pertençam à mesma classe gramatical. Obviamente, dentro do contexto linguístico, ambas as transformações são governadas por regras de sintaxe. Isto significa que a inclusão ou exclusão de palavras, bem como a substituição, precisa preservar algum grau semântico, isto é, a frase ou sentença resultante do processo de transformação precisa ter algum significado. Na Figura 1, exemplificamos essas transformações adaptando o exemplo proposto por Chandler (2022, p. 98-99). A frase inicial “o homem chorou” possui significado completo. Uma transformação sintagmática poderia envolver simplesmente a inclusão do intensificador “muito” no final da frase. Também seria possível incluir algum adjetivo associado à palavra “homem” ou quaisquer outros recursos que ampliassem o número de palavras da frase. Já no eixo paradigmático, as transformações poderiam envolver a substituição da palavra “homem” por “gato”. O verbo “chorar”, por sua vez, poderia ser substituído por “lacrimejar”, um sinônimo que mantém a mesma ideia, ou pelo verbo “correr”, que pertence à mesma classe gramatical, mas que altera o sentido da frase. No domínio da harmonia, a classe de transformação sintagmática engloba todas as transformações que simplesmente incluam ou excluam acordes, enquanto a classe paradigmática reúne os diferentes processos de substituição de um acorde por outro. Em um contexto tonal, um exemplo de transformação sintagmática é a inclusão ou exclusão de acordes que produzam prolongamento funcional ou que tenham a função de preparação. Um exemplo de transformação paradigmática, por sua vez, consiste na substituição de acordes que mantenham a função tonal do acorde a ser substituído. Já em um contexto atonal, as transformações sintagmáticas incluem a inserção/exclusão de acordes que possuam, por exemplo, a mesma forma prima. Similarmente, uma transformação paradigmática pode incluir o uso de transposições, inversões de conjuntos, multiplicações, operações PLR ou qualquer outro processo derivativo similar. A Figura 2 exemplifica algumas dessas transformações em diferentes contextos. A terceira classe de transformações, chamada de colorística, engloba processos derivativos que preservam algumas características originais da entrada. As transformações colorísticas mais comuns são a reordenação das notas, o que no contexto triádico caracteriza a inversão de acordes, e o aumento ou diminuição da densidade vertical, incluindo ou excluindo mais notas (Figura 3). Essa mudança de cardinalidade atua no âmbito da relação de subconjunto/superconjunto, o que, no contexto tonal, diz respeito ao uso de 6as, 7as, 9as, 11as e 13as. A reordenação em um contexto não triádico não é muito efetiva, uma vez que sua aplicação não altera nem a forma prima nem a forma normal, estando mais relacionada à realização do acorde propriamente dita do que a sua transformação. Por fim, a última classe de transformação, chamada de idiomática, se refere à mudança da linguagem harmônica. Ou seja, uma sequência harmônica tonal, por exemplo, é “traduzida” para uma sequência modal, pantriádica, atonal etc. Essa tradução pode levar em consideração uma série de ferramentas específicas que vão desde a livre correspondência entre entidades harmônicas de contextos distintos, até um mapeamento sistemático entre essas linguagens (Figura 4). Vale salientar que as transformações paradigmáticas, sintagmáticas e colorísticas podem ser aplicadas tanto de forma total, alterando todos os acordes do *input*, quanto parcial. Já as transformações idiomáticas precisam ser aplicadas, necessariamente, de forma total, uma vez que uma aplicação parcial configuraria uma transformação paradigmática. Além disso, apenas as transformações sintagmáticas alteram o número de acordes do *input*. As ferramentas das classes de transformação apresentadas aqui podem ser combinadas de diferentes maneiras para criar derivações mais distantes da original e com maior complexidade e variedade harmônica. Acreditamos que essa formalização e essa organização de complexidade podem ser usadas como ferramentas didáticas para o ensino composicional.

**Palavras-chave**: Transformações Harmônicas. Processos Derivativos. Harmonia. Composição Musical.